

DISLALIA: E OS DESAFIOS NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM.

Elivaneide Nicolau¹

Luciana Araújo²

RESUMO

A Dislalia é um distúrbio que afeta a fala e conseqüentemente repercute no desenvolvimento psicossocial e educacional pois interfere no processo de ensino e aprendizagem. Ela está diretamente ligada à educação sendo assim a metodologia pedagógica deve ser inovadora e com apoio e orientação de uma equipe multidisciplinar ao qual deve-se criar estratégias de aprendizagens através de jogos que podem ser utilizados para auxiliar crianças com dislalia na sala de aula. O educador junto aos seus alunos, pode buscar novas alternativas para explorar o conteúdo didático tornando-os cidadãos críticos, reflexivos e questionadores da realidade, independente do transtorno de linguagem que o acomete. Sendo a dislalia um transtorno de linguagem perceptível na fala, onde a criança sente dificuldade de articular corretamente as palavras, seja pela falta, troca ou omissão de letras, a importância de pesquisar sobre quais conseqüências um aluno com este transtorno enfrenta durante o processo de aprendizagem.

Palavras-chave: Dislalia; Dificuldades de Aprendizagens; Jogos; Transtorno de linguagem.

INTRODUÇÃO

Um dos problemas no processo de ensino/aprendizagem são as dificuldades de aprendizagens dos discentes, e uma dessas dificuldades é encontrar textos que abordem este tema, pois sobre a DISLALIA existem poucos registros na área educacional; a dislalia acomete a fala, que conseqüentemente evolui para a troca das letras de forma involuntária comprometendo assim o processo de escrita das palavras.

Percebe-se que, cada vez mais alunos com Dificuldades de Aprendizagem no caso a dislalia, estão presentes nas escolas, partindo desse pressuposto, o professor necessita aprofundar os conhecimentos, atualizar-se e refletir sobre esta temática.

Segundo Eberhart e Cauduro (2013) a dislalia é um transtorno de linguagem mais simples de identificar nas crianças, pois é uma das dificuldades de aprendizagens mais sérias, diante desse contexto a aprendizagem torna-se um dos desafios do docente, e como lidar com essa situação delicada do transtorno da linguagem de forma que não cause constrangimento para o aluno e ele possa aprender de forma prazerosa através de estratégias diversificadas e inovadoras

¹ Mestranda em Ciências da Educação – Word University Ecumenical. E-mail:elivaneidenicolau@gmail.com

² Mestranda em Ciências da Educação – Word University Ecumenical. E-mail:luciana0151@hotmail.com

do professor com o objetivo de sanar essa dificuldade na fala e na escrita do aluno, esse trabalho necessita de apoio de uma equipe multidisciplinar.

Souza e Fontanari (2015) apontam troca de fonemas que são “parecidos acusticamente” (/p/ por /b/; /t/ por /d/; /f/ por /v/; /x/ e /s/; /j/ por /z/) podem soar iguais para a criança que ainda não desenvolveu totalmente a habilidade de discriminação auditiva.

A criança para se comunicar se utiliza de um código gráfico e sonoro, isso ocorre nos primeiros anos em que começa a ler e escrever. Nesse momento as trocas de letras tanto na leitura quanto na escrita poderão ser observadas e investigadas quanto a sua fala e de como ela pode interferir no processo de aprendizagem do discente.

1. DISLALIA – ORIGEM E FUNDAMENTOS

A dislalia é um distúrbio que afeta a fala, caracterizado pela dificuldade em articular as palavras, ela é mais frequente em crianças. Quando as crianças começam a falar, é normal que não o façam corretamente. No entanto, com o avanço da idade a linguagem deveria melhorar a pronúncia, mas nem sempre acontece.

A etimologia da palavra dislalia vem do grego, o termo “dys” que significa dificuldades e “lalien” do verbo falar (LIMA, 2008).

A dislalia pode caracterizar-se de quatro formas, são elas:

Dislalia evolutiva – considerada normal até os quatro anos de idade, com o tempo tende corrigir-se por si mesma.

Dislalia funcional – é a mais frequente, caracteriza-se pelo modo incorreto da articulação do fonema da fala.

Dislalia orgânica – a criança tem dificuldades para articular determinados fonemas por problemas orgânicos, causadas por alterações físicas ou cerebrais, ou alguma má formação ou anomalias nos órgãos da fala.

Dislalia audiógena – caracteriza-se por problemas auditivos, nesse caso a criança sente-se incapaz de produzir o fonema correto porque não os ouve bem, existem alguns casos que é necessário que as crianças utilizem próteses auditivas.

Quando produzirmos o som da fala, existe todo um processo que vai desde a respiração, sinapses neurais até a articulação da boca (língua e dentes) e na representamos na escrita a maneira que falamos. Dessa maneira existe algum distúrbio no processo da linguagem que por seguinte, a escrita é afetada. Eberhart e Cauduro (2013, p.10) esclarecem que:

Na dislalia surge uma alteração na fala, onde há imprecisão articuladora afetando padrões de produção de sons da língua, relacionados as fases de programação e ou de execução neuromotora. Esta ocorre quando a criança está começando a falar.

2. A DISLALIA E O PROCESSO DE APRENDIZAGEM

Temos que ter o cuidado quanto a forma de abordarmos as crianças com dislalia sobre os conteúdos programáticos pois requer um esforço no sentido de uma adequação didático-pedagógica, precisamos de um olhar inovador, como na mudança de estratégias e atitudes face aos alunos com dificuldade na fala e conseqüentemente na escrita gerando assim uma dificuldade de aprendizagem.

O conceito de Dificuldades de Aprendizagem (DA), desenvolvidos por muitos pesquisadores, são inúmeros, mas o que parece reunir mais aceitação na opinião de FONSECA (2004) é a definição do Comitê Nacional Americano de Dificuldades de Aprendizagem (National Joint Committee of Learning Disabilities – NJCLD 1994). Fundado em 1975, o NJCLD é um comitê nacional constituído por representantes de diferentes organizações preocupadas com a educação e bem-estar das pessoas com dificuldades de Aprendizagem Específicas:

“Dificuldades de Aprendizagem é uma expressão genérica que refere um grupo heterogêneo de desordens manifestadas por dificuldades significativas na aquisição e no uso da compreensão auditiva, da fala, de leitura da escrita e da matemática. Tais desordens são intrínsecas ao indivíduo, presumindo-se que sejam devidas a uma disfunção do sistema nervoso que podem ocorrer e manifestar-se por toda a vida. Problemas na auto regulação do comportamento, na atenção, na percepção na interação social (por exemplo, deficiência sensorial, deficiência mental, distúrbio socioemocional) ou influências extrínsecas (por exemplo, diferenças culturais, insuficiente ou inadequada instrução pedagógica), elas não são o resultado de tais condições”. (Fonseca, 2004 p.10)

Conforme Fonseca (2004) e Correia (2008) acreditam que as crianças com dificuldades de aprendizagens específicas, apesar de não terem problemas de percepção auditiva, manifestam no entanto, desordens no processamento da informação, que podem ocorrer ao nível das funções receptivas (discriminação auditiva, a identificação fonética, e a síntese auditiva), integrativas (complemento de palavras e frases, a memória de curto e médio termo, a associação auditiva, entre outros), e, ou expressivas (articulação do vocabulário, narração de histórias...)

que se refletem numa incapacidade no âmbito cognitivo linguístico acadêmico e socioemocional.

A dificuldade na linguagem oral, pode interferir no aprendizado da escrita, sendo assim o discente omite, faz substituições, distorções ou acréscimos de sons. Eis alguns exemplos:

- Omissão: não pronuncia sons – “omei” = “tomei”;
- Substituição: troca alguns sons por outros – “balata” = “barata”;
- Acréscimo: introduz mais um som – “Atelântico” = “Atlântico”.

Para que possamos amenizar o distúrbio na linguagem oral e na escrita, é necessário que o processo de desenvolvimento educacional evolua gradativamente, pois diante de tais dificuldades, precisamos criar uma rede de apoio entre família, professor, fonoaudiólogo e demais especialistas nas áreas psicossociais, pois depois de detectado o transtorno na linguagem é de suma importância um projeto inovador com atividades diversificadas, com jogos que estimulem e despertem as articulações vocais e eles se sintam motivados e participem de forma que seja leve e prazerosa.

Conforme Fonseca (2004) e Correia (2008) acreditam que as crianças com dificuldades de aprendizagens específicas, apesar de não terem problemas de percepção auditiva, manifestam no entanto, desordens no processamento da informação, que podem ocorrer ao nível das funções receptivas (discriminação auditiva, a identificação fonética, e a síntese auditiva), integrativas (complemento de palavras e frases, a memória de curto e médio termo, a associação auditiva, entre outros), e, ou expressivas (articulação do vocabulário, narração de histórias...) que se refletem numa incapacidade no âmbito cognitivo linguístico acadêmico e socioemocional.

Considerando todos os tipos de comunicação desde a oral e a escrita, a escola tem papel social e construtivista, ao qual possa ter um olhar diferenciado com os diferentes que necessitam de um maior cuidado e zelo para que possam se sentir seguros e partícipes desse processo evolutivo na fala e na escrita.

É necessário apresentar a criança estímulos e ambientes onde ela possa vivenciar a leitura e a escrita, de forma lúdica ou o mais simples que seja é muito importante, a fim de que vá experimentando aquilo que de alguma forma fará parte dela ao longo da vida. Explorar através de jogos e brincadeiras aquilo que chamam a atenção e o interesse da criança para o aprendizado com o objetivo de despertar a atenção, a memória auditiva e visual.

3. JOGOS SÉRIOS

É sabido que os jogos estimulam e engajam os discentes, promovendo um pensamento crítico, tornando-os participantes ativos no processo de aprendizagem, criando assim uma aprendizagem colaborativa.

Os jogos sérios são uma classificação que designam jogos que não focam apenas na diversão do jogador, mas possuem como objetivo incentivar a educação e facilitar a experiência de ensino-aprendizagem para o jogador. [Ratan e Ritterfeld 2009]. Assim, esse gênero de jogo pode ser aplicado com vantagens na área de educação, uma vez que não fazem uso de violência e tornam mais interessante a experiência de aprendizagem para o jogador.

Existem várias opções de jogos que podem ser utilizados para auxiliar crianças com dislalia na sala de aula. É importante destacar que os jogos devem ser adaptados de acordo com as necessidades e habilidades de cada criança.

- Jogo de palavras em pares: Nesse jogo, as crianças dislâlicas devem associar palavras que tenham sons semelhantes, mas se diferenciem em um fonema específico. Por exemplo, associar palavras como "pato" e "bato" ou "casa" e "cata". Isso ajuda a trabalhar a discriminação de sons e a prática da articulação correta. O jogo promove a consciência fonológica, que é a habilidade de perceber, manipular e segmentar os sons da fala (Lopes, 2010).
- Jogo de rimas: Nesse jogo, as crianças dislâlicas devem encontrar palavras que rimem com uma palavra inicial fornecida. Por exemplo, se a palavra inicial é "sol", as crianças podem mencionar palavras como "rol", "col" ou "mol". Esse jogo estimula a consciência fonológica e a percepção dos sons finais das palavras. A prática de identificar rimas ajuda a criança a desenvolver a habilidade de discriminar sons semelhantes, facilitando a percepção dos diferentes fonemas (Silva, 2013).
- Jogo da memória fonético: Nesse jogo, as crianças dislâlicas devem encontrar pares de cartas que possuam palavras com o mesmo fonema problemático. Por exemplo, as cartas podem conter palavras como "carro" e "coruja" ou "bola" e "banana", com foco na discriminação e identificação correta do fonema desafiador. O jogo da memória fonético estimula a percepção auditiva e a prática de associação entre o som e a representação gráfica do fonema (Porto, 2005).

- Jogo de articulação em grupo: Esse jogo envolve atividades em grupo, como encenações, em que as crianças com dislalia devem representar personagens e situações em que utilizam palavras com os fonemas problemáticos. Por exemplo, podem atuar como um cirurgião-dentista falando sobre "dentes" ou como um bombeiro mencionando "incêndio". O jogo de articulação em grupo proporciona um ambiente de prática social em que as crianças têm a oportunidade de utilizar palavras com os fonemas desafiadores, promovendo a correção da fala através de contextos significativos (Souza e Fontanari, 2015).

Vale ressaltar que esses exemplos de jogos são apenas sugestões e devem ser adaptados de acordo com as características e necessidades de cada criança com dislalia. Além disso, é importante o acompanhamento de um profissional especializado, como um fonoaudiólogo, para direcionar as atividades de forma adequada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A referida pesquisa apresenta a origem e fundamentos, bem como as dificuldades de aprendizagens dos alunos com dislalia e de como ele sofre no processo de ensino e aprendizagem e a intervenção com atividades inovadoras e jogos que os estimulem no processo educacional, não podemos deixar de enfatizar a importância da interação com o meio familiar, escolar e social, já que o sucesso ou fracasso da pessoa nos seus estudos é mediatizado pelos seus envolvimento.

O melhor e mais eficaz diagnóstico e intervenção será com o apoio de uma equipe multidisciplinar que traga uma abordagem direcionada e personalizada para cada discente do âmbito escolar de ensino, sendo assim como principal objetivo fazer com que o aluno avance nesse processo de ensino e aprendizagem.

Observa-se que o conhecimento por parte do professor sobre as dificuldades de aprendizagem específicas é determinante, para subsidiar a criança na superação dessas dificuldades.

Vale ressaltar sobre a dificuldade de materiais sobre o tema discorrido, porém foi de grande valia uma pesquisa tão importante para o nosso conhecimento.

REFERÊNCIAS

CABRERA, Norma Regal. **Dislalias. In: Revistas Médicas Cubanas.** Volume 14 N.2. Julho - dezembro, 1999. Disponível em: http://bvs.sld.cu/revistas/ord/vol14_2_99/ord06299.pdf. Acesso em: 19/05/2023.

EBERHART, Daiane; CAUDURO, Maria Teresa. **Aspectos Relevantes Para Trabalhar Com O Transtorno Da Dislalia.** In: Educação física e pedagogia [ebook]: um encontro possível / Organizadoras: Maria Teresa Cauduro, Eliberto Lanza Cavalheiro. Frederico Westphalen, RS: URI – Frederico Westph, 2013. Disponível em: <http://www.fw.uri.br/NewArquivos/publicacoes/publicacoesarquivos/171.pdf#page=10>. Acesso em: 19/05/2023.

JAKUBOVICZ, Regina. **Dislalia. In: Avaliação, Diagnóstico e Tratamento em Fonoaudiologia: Disfonia, Disartria e Dislalia.** Rio de Janeiro - RJ: REVINTER, 1997.

LIMA, Rosa. **Alterações nos sons da fala: o domínio dos modelos fonéticos.** Saber (e) Educar. Porto: ESE de Paula Frassinetti. N.º 13 (2008), p. 149-157. Disponível em: http://repositorio.esepf.pt/bitstream/20.500.11796/941/2/SeE_13AlteracoesSons.pdf. Acesso em: 19/05/2023.

Lopes, P. S. V. C. (2013). **“Erros na escrita: estados não determinantes”.** In: Renato Pontes Costa; Ana de Almeida Ribeiro. (Org.). **O saber da gente... sobre.** 1ed. Rio de Janeiro: Caetés.

MENEZES, Maria Roseane Gonçalves de; SOUZA, Eunice da Silva; SILVA, Jocilene Maria da Conceição. **Distúrbios De Fala No Cotidiano Escolar: Disfemia E Dislalia, Considerações Sobre O Processo De Aprendizagem E Interação Interpessoal Das Crianças Nos Anos Iniciais Do Ensino Fundamental.** In: Atas do 1º Congresso Internacional de Psicologia, Educação e Cultura Desafios Sociais e Educação: Culturas e Práticas / Organizadores: Leandro Almeida, Alexandra Araújo, Ana Paula Cabral, José Cruz, José Carlos Morais e Mário Simões. Vila Nova de Gaia, Edições ISPGaya – Junho de 2013. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/274248506_Percepcao_de_aquisicao_de_conhecimentos_em_alunos_do_1_ano_do_Ensino_Superior_da_area_artistica. Acesso em: 12/05/2023.

NASCIMENTO, Francisco de Assis do; CARVALHO, Jander Ramos; COSTA, Priscila Márcia de Andrade; BASTOS, Rafael Lira Gomes. **Como ocorrem os distúrbios da linguagem oral e da comunicação na criança.** In: Psicologia.pt O Portal dos Psicólogos. 2007. Disponível em: www.psicologia.pt/artigos/ver_artigo_licenciatura.php?codigo=TL0086&area=d3&subarea. Acesso em: 15/05/2023.

Porto, O. (2005). **Bases da psicopedagogia: diagnóstico e intervenção nos problemas de aprendizagem.** Rio de Janeiro: Wak, p. 11-52.

Ratan, R., Ritterfeld, U. (2009) **“Classifying Serious Games”, In: Serious Games Mechanisms and Effects,** Ute Ritterfeld, Michael Cody and Peter Vorderer (Eds.), New York: Routledge, USA.

SOUZA, Mariana Castro; FONTANARI, José Fernando. **Dislalia na Escola - Psicologia da Educação II.** IFSC – Universidade de São Paulo, 2015. Disponível em: <http://www.gradadm.ifsc.usp.br/dados/20152/SLC06311/Dislalia%20na%20escola.pdf>. Acesso em: 18/05/2023.



SOUSA, Ivan Vale. **Letramento, Linguagem e Inclusão: um estudo dislítico em Maurício de Sousa.** ARTEFACTUM - Revista de estudos em Linguagens e Tecnologia, v. 13, n. 2, 2016. Disponível em: <http://artefactum.rafrom.com.br/index.php/artefactum/article/view/1334/665>. Acesso em: 17/05/2023.